

IV PARTE

Astronomia no Brasil

A Escola Politécnica do Rio de Janeiro contribuiu, também, de maneira ponderável, para o desenvolvimento dos estudos celestes no Brasil. Seus professores, em sua maioria matemáticos, deixaram substancial contribuição, bastando mencionar que ainda em 1845, José Saturnino da Costa Pereira publicava um compêndio de Astronomia e Geodésia; Joaquim Gomes de Souza, o famoso "Souzinhá" doutorou-se em 1848 com um trabalho de Mecânica Celeste; Joaquim Galdino Pimentel deixou-nos um Curso de Mecânica Celeste (1877); Oto de Alencar, cearense notável, compôs valioso Tratado sobre a Teoria da Lua em 1906; Amoroso Costa, realizou estudos sobre estrelas duplas, Astronomia teórica e prática e Geodésia.

A Escola Politécnica do Rio de Janeiro é hoje Escola Nacional de Engenharia. Seu observatório, que funcionou no Morro de Santo Antônio até 1930, foi transferido para o Morro do Valongo - uma das faces do Morro da Concelção, localizado no bairro da Saúde. Esse Observatório, modernizado, é uma das unidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o nome de Observatório do Morro do Valongo.

A partir de sua nova localização, funcionou até 1950, quando foi alterado o Regimento da Escola de Engenharia, deixando a Astronomia de ser disciplina obrigatória do Curso, para ser facultativa. O Observatório fechou suas portas durante dez anos. Em 1958, com a criação do Curso de Astronomia na antiga Faculdade de Filosofia (Projeto 35/58), surgiu a necessidade de um posto astronômico para as aulas práticas; foi então lembrado o Observatório do Valongo, o qual foi cedido pela Escola de Engenharia, em caráter precário, à Faculdade de Filosofia.

O Curso de Astronomia floresceu e o Observatório começou a trabalhar ativamente, em colaboração com outras instituições científicas do Brasil e do exterior. Seu programa incluía observação de ocultações de estrelas pela Lua - especialmente as chamadas ocultações rasantes, observação dos satélites e Júpiter, das manchas solares e outros trabalhos de importância capital. A 5 de janeiro de 1967, foi dada autonomia ao Instituto como observatório da Universidade Federal do Rio de Janeiro e nomeado para dirigi-lo o Dr. Luiz Eduardo da Silva Machado. O corpo de colaboradores do Prof. Machado inclui diversos nomes que se fizeram conhecidos pela importância de seu trabalho, como os do Prof. Sílvio Vaz, Prof. Alaércio Moreira Gomes e muitos outros. Vale destacar que os alunos do Curso de Astronomia trabalham ativamente em colaboração com os astrônomos profissionais numa simbiose benéfica à causa da Astronomia Brasileira. A

expansão do Observatório do Valongo é constante: agora mesmo, enquanto escrevo estas palavras, recebeu a instituição valioso instrumental que servirá para o desenvolvimento do Curso de Astronomia e para a Estação de Montanha projetada para as proximidades da cidade de Brasópolis, na Serra dos Dias, em Minas Gerais.

Em São Paulo, a Astronomia teve início com as pesquisas de William John Bruchell, naturalista Inglês em 1826. Descobriu a variação de Carinae, carreando para essa estrela extraordinária a atenção do mundo científico. Em meados do século passado, chegou a S. Paulo Frei Germano de Annecy, que demorou cerca de trinta anos, ensinando Matemática, Física e Astronomia. Diz-se que D. Pedro o convidou, por várias vezes, para dirigir o Observatório Imperial.

A criação da Escola Politécnica de S. Paulo, em fins do século passado, possibilitou o aumento no campo das pesquisas astronômicas naquele Estado com os trabalhos de Francisco Bhering, antigo discípulo de Manuel Pereira Reis. A Escola chegou a possuir na praça Buenos Aires um pequeno observatório equipado com uma luneta equatorial Zeiss de 12cm de abertura.

Alguns professores da Faculdade de Filosofia de S. Paulo dedicaram-se aos problemas da Astrofísica e da Física Cósmica, valendo destaque Mário Schenberg, que trabalhou nos Estados Unidos junto a George Gamow e Chandrasekhar, astrofísicos de renome mundial.

Ainda em 1886, o governo da província de S. Paulo criava uma Comissão Geográfica e Geológica destinada ao levantamento topográfico da região. A chefia dessa Comissão foi entregue ao famoso geólogo Orville Derby, que contou com a colaboração de eminentes cientistas como Gonzaga de Campos, Teodoro Sampaio e Alberto Loefgren.

Em 1902, instalou-se o chamado "Observatório da Avenida", na Avenida Paulista, onde, entre os anos de 1903 e 1912, Belfort de Mattos realizou preciosa série de observações de manchas solares e magnetismo terrestre.

Em 1910 iniciou-se a construção do Observatório Oficial do Estado, junto ao anterior. A partir de 1927, o Dr. Alypio Leme de Oliveira substituiu o Dr. Belfort, falecido no ano anterior. Alypio Leme ampliou consideravelmente o Observatório e fez sua mudança para o bairro de Água Funda. A Inauguração solene teve lugar em 1941. O observatório, muito bem planejado, dispõe de vários pavilhões que abrigam moderno instrumental, entre os quais o Astrolábio Impessoal de Danjon. A instituição é hoje um dos anexos da Universidade de São Paulo, com o nome de Instituto Astronômico e Geofísico de S. Paulo.

Em nosso País - conforme salienta Muniz Barreto em seu trabalho "Escolha de Sítio no Brasil - Esboço de um Programa (1969) existe a possibilidade de um amplo desenvolvimento dos vários setores da Astronomia: Astronomia Teórica, As

trometria, Astrofísica e Rádioastronomia.

Os observatórios brasileiros trabalham ativamente, atuando hoje em estreita colaboração, num plano integrado em que as instituições desenvolvem-se, colaborando entre si. Vale mencionas as instituições que realizam atualmente a pesquisa astronômica brasileira: Observatório Nacional do Rio de Janeiro, Guanabara; Observatório do Morro do Valongo, Rio Gb; Instituto Astronômico e Geofísico de S. Paulo; Observatório do Instituto Tecnológico de Aeronáutica em S. José dos Campos, SP; Instituto de Astronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Centro de Radioastronomia e Astrofísica da Universidade Mackenzie, de São Paulo.
